

Dimensão espacial e significação pedagógica

Orgival Bezerra da Nóbrega Júnior¹

Resumo

A socialização inerente ao fazer pedagógico evidencia a concepção espaço-temporal dos sujeitos envolvidos. No presente artigo apontamos conceitualmente a noção de espaço como pressuposto à caracterização do espaço educacional. Partimos de uma percepção sistematizada do ambiente de ensino-aprendizagem. Tal espaço de ação humana nos leva a considerar a prática e a teoria educacionais sob a ótica da intencionalidade. Evidenciamos, a partir de qualquer meio propiciado pela técnica, a importância do resgate da dimensão educacional, pois a compreensão de mundo do educando, passa necessariamente pela construção de conhecimentos significativos que têm como ponto de partida sua própria experiência. Quanto a operacionalização do referido meio, salientamos que as mudanças necessárias estão associadas aos instrumentos correspondentes ao mesmo.

Palavras-chave: Espaço geográfico; Educação; Significação Pedagógica.

Spatial and pedagogical significance

Abstract

The socialization inherent in the pedagogical practice shows the spatio-temporal conception of the subjects involved. In this article we point conceptually the notion of space as a presupposition to characterize the educational space. We start from a systematic perception of the teaching-learning environment. Such a space of human action leads us to consider the practice and educational theory from the perspective of intentionality. Evidenced from any means afforded by the technique, the importance of rescue of the educational dimension, because the understanding of the world of the student, necessarily involves the construction of meaningful knowledge they have as a starting point his own experience. As the operation of said means, we note that the necessary changes are associated with the corresponding instruments.

Key words: Space; Education; Pedagogical significance.

Introdução

O processo de socialização de um indivíduo é produto de uma situação educacional de convivência em sociedade, logo o simples ato de interação social entre as pessoas é em si educativo. Dessa forma, a socialização não ocorre de fato apenas na Instituição Escolar, mas também fora dela. Logo a educação é a chave para tornar viável o processo de socialização de um indivíduo, educação essa que deve transmitir valores, costumes e culturas com o intuito de transformar pessoas em membros de uma sociedade, capazes de discutir e agir de forma crítica. A respeito do assunto Kruppa afirma:

¹ Mestre em Geociências. Docente do Departamento de Geografia da UFRN. orgival@bol.com.br

O processo educativo que procura tornar o indivíduo da sociedade é chamado de socialização. A socialização e, por decorrência, a educação dependem da capacidade que os homens têm de influírem uns com os outros, modificando-se mutuamente, no processo de interação social. Em outras palavras, é a capacidade de os homens reagirem, de serem capazes de atuar junto a outros homens, aprendendo e ensinando, que torna possível a educação. Na socialização atuam em interação indivíduos e a sociedade. A socialização é um processo em construção, cujos agentes são o ser humano e o grupo social que o cerca. (KRUPPA.1994.p.23).

Logo, a cidadania obtida por um indivíduo é a compreensão plena de seus direitos, sejam políticos, sociais ou até mesmo aos que dizem respeito à sua formação moral e cívica relacionada principalmente à questão da liberdade, no mínimo de bem estar social, das condições de vida e de segurança. O conceito de cidadania quando não colocado de forma adequada provoca uma deformidade de seu significado, logo a restrição demasiada desse, a não-explicação do seu devido esclarecimento, da sua dimensão e amplitude causa o seu esvaziamento. Sendo assim, atentamos para o que afirma Pinsky:

A cidadania enfaixa uma série de direitos, deveres e atitudes relativos ao cidadão, aquele indivíduo que estabeleceu um contrato com seus iguais para utilização de serviços em troca de pagamento (taxas e impostos) e de sua participação, ativa ou passiva, na administração comum. Por esta definição (mesmo apressada e meramente funcional) se vê que cidadania pressupõe sim, o pagamento de impostos, mas também a fiscalização de sua aplicação; o direito à condição básica de existência (comida, roupa, moradia, educação e atendimento de saúde) acompanhado da obrigação de zelar pelo bem comum. (PINSKY,1999.p.18).

A cidadania deve ser vista operacionalmente como atitudes humanas quaisquer que ocorram no cotidiano de uma pessoa, tais como: a prática democrática da discussão de assuntos que envolvem poder, política, espaço e território sejam quais forem as suas escalas, contudo implicando em uma manifestação consciente e de responsabilidade dentro do âmbito coletivo de uma sociedade. Dessa maneira, a formação cidadã de um indivíduo independentemente da instituição social que a forneceu deve fazer com que esse exija seus direitos perante a sociedade. A cidadania sendo mantida distante da maioria da população não contribui em nada na formação da tão desejada nação cidadã que se pretende há tempos.

Dessa forma, qualificação profissional se constitui, cada vez mais, em exigência para o bom desempenho de qualquer função no mercado de trabalho. Em se tratando do profissional da educação, faz-se necessário a construção cotidiana do conhecimento aliada a experiência, tal fato, é facilmente constatado ao enfocarmos o paradigma educacional emergente.

A intervenção entre a prática educativa e o conhecimento teórico deve ser consistente, baseada no pensamento crítico e em atitudes de questionamento e curiosidade, na busca de um novo fazer profissional, com capacidade de definir objetivos pessoais, organizar e gerir tempos e espaços, auto-avaliar e avaliar processos, controlar ritmos, conteúdos e tarefas na relação com objetivos, procurar meios e estratégias relevantes, enfim ter capacidade de reflexão.

A reflexão implica a imersão consciente do homem no mundo de sua experiência, um mundo carregado de conotações, valores, intercâmbios simbólicos, correspondência afetiva, interesses sociais e cenários políticos. O conhecimento acadêmico, teórico científico ou técnico, só pode ser considerado instrumento do processo de reflexão se for integrado significativamente, não em parcelas isoladas da memória semântica, mas em esquemas de pensamento mais genéricos ativados pelo indivíduo quando interpreta a realidade concreta em que vive e quando organiza a sua própria experiência. A reflexão não é um conhecimento puro, mas sim um conhecimento contaminado pelas contingências que poderiam e empregam a própria experiência vital (GÓMEZ, 1992, p.103).

Atualmente, a reflexão é um conceito muito utilizado pelos formadores dos profissionais da educação. Essa tendência contribui para formar professores que venham a refletir sobre sua própria prática, na expectativa de que a reflexão seja um instrumento de desenvolvimento do pensamento e da ação.

Nessa perspectiva a prática do professor precisa ter, sem dúvida, um referencial teórico indispensável para construção social do conhecimento, como também, ser capaz de refletir sobre a sua prática como um instrumento de articulação entre a ação pedagógica e a teoria.

Tal prática, evidentemente, dar-se-á em um determinado espaço, o qual resulta de transformações econômicas, condições psicológicas e físicas dos indivíduos e das sociedades, particularmente da experiência de vida de cada pessoa e da herança cultural e coletiva. Essa perspectiva Humanística defende a compreensão das relações entre os homens e o seu mundo.

Desse modo, a visualização de um espaço de ação humana está calcada na subjetividade, experiência vivida pelo indivíduo, pelos grupos sociais, na intuição, nos sentimentos, no espaço vivido, privilegiando o singular e não o particular e ao invés da explicação, tem a compreensão baseada no mundo real. Aqui, de acordo com Gomes e Corrêa (2000, p.335) consideramos o “espaço ao mesmo tempo como o resultado concreto de um processo histórico, e nesse sentido ele possui uma dimensão real e física, ou como uma construção simbólica que associa sentido e idéia.”

O espaço se impõe através das condições que ele oferece para a produção, para o exercício da política, para o exercício das crenças, para o lazer e como condição de “viver bem.” Como meio operacional, presta-se a uma atividade objetiva e como meio percebido está subordinado a uma atividade subjetiva (SANTOS, 1996, p. 45).

No entanto, o espaço pode ser visto como o terreno das operações individuais e coletivas, ou como realidade percebida. Portanto, o que há são invasões recíprocas entre o operacional e o percebido. Ambos têm a técnica como origem e por essa via, sua avaliação acaba por ser uma síntese entre o objetivo e o subjetivo. Aqui, enfoca-se as técnicas como um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza, produz e ao mesmo tempo cria espaço.

Considerando o espaço apreendido como uma construção simbólica, enfocamos o conceito de Paisagem como a manifestação visual do mundo, vista como um conjunto de formas criadas pelo homem, sendo, portanto, a resultante de uma criação que se torna um elemento da cultura, refletindo a ação de um povo ao longo do tempo.

A paisagem está relacionada a lugar, isto é, a identidade que a sociedade estabelece com a paisagem faz dela o lugar de vida. A relevância do lugar se traduz nos espaços mais carregados de sentimentos com os quais as pessoas têm vínculos afetivos e subjetivos, logo, o sentimento de pertencer a um espaço e a sua paisagem faz dele o seu lugar, porque estabelece identidade com ele. Existe, portanto, uma relação muito estreita entre o homem e o lugar.

A noção de espaço se constrói com a própria vivência e de acordo com Gómez (1992, p.103), para que “o conhecimento torne-se um processo de reflexão é necessário integrá-los significativamente em esquemas de pensamentos.”

Nesse enfoque Humanístico, todo espaço que envolve o homem, seja físico ou social, influencia a sua conduta. A realidade é interpretada e os fenômenos são observados como parte de um fenômeno maior, integral, sendo a paisagem percebida pela pessoa não como uma soma de objetos próximos um ao outro, mas de uma forma simultânea. Neste sentido, a paisagem é percebida de uma forma holística.

As pessoas assimilam conhecimentos, atitudes e valores através da observação do que se faz a sua volta. Com isto ela está construindo a sua identidade com o lugar, de modo que possa resultar em compreensões novas e mais complexas a seu respeito.

Atualmente, a pós-modernidade aponta para um sujeito que está sendo visto como fragmentado, composto não só de uma única, mas de várias identidades.

A identidade na concepção sociológica clássica, preenche o espaço entre o 'interior' e o 'exterior' – entre o mundo pessoal e o mundo público. O ato de que projetamos a 'nós próprios' nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os 'parte de nós', contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 2003, p.11).

Esse pensamento aponta para um conceito de identidade mais unificado. O sujeito tem um núcleo real, interior, que é formado na relação com o outro, isto é, com pessoas importantes para ele, e este núcleo se modifica através do diálogo contínuo com o "exterior", entrando em contato com as culturas e as identidades que esses mundos oferecem.

Diante de tais evidências, os sujeitos envolvidos no processo migratório quando se afastam do seu lugar, modificam as relações sociais com o seu grupo e com sua origem. Portanto, são nos lugares onde acontecem as práticas sociais concretas e através delas expomos e fortalecemos a nossa identidade.

O espaço escolar como instituição basilar da nossa sociedade, posto também como um lugar de recepção e de permanência daqueles que chegam a uma comunidade, pode ser observado, quanto a modos de aceitação desse outro que chega. Em tal ambiente, adota-se uma posição e uma orientação seletiva frente à cultura, que se concretiza, precisamente, no conteúdo que se trabalha. As pessoas de diferentes lugares, classes ou grupos sociais têm contato com diferentes culturas e diferentes formas de entrar em contato com elas.

A instituição educacional acolhe diferentes tipos de alunos com diferentes origens e fim social. Para conciliar essa diversidade cultural, o trabalho do professor em um ambiente de ensino–aprendizagem precisa ser orientado no sentido de amenizar os conflitos e potencializar a aprendizagem.

De acordo com Sacristán (2000, p.64) “[...] o procedimento pedagógico voltado a essa questão se dá ao moldarmos o conteúdo abordado para poder satisfazer interesses diversos dos alunos, respondendo as diferenças dentro da aula com a metodologia adequada.”

Não podemos esquecer que tais alunos, quando chegam a determinados lugares, trazem seus hábitos culturais, técnicos e diferentes modos de vida. Diante dessa realidade, os indivíduos ao construírem os seus lugares, constroem também as representações sobre eles. Sua permanência e seu cotidiano vão definindo sua aderência a esses lugares. Por isso, as migrações significam rupturas que muitas vezes deixam trauma e a instituição educacional não pode deixar de considerar essa realidade.

Tal situação pode ser agravada pela dificuldade de relacionamento com os novos lugares. Na visão de Certeau (1994, p.110) “[...] ‘todo lugar próprio’ é alterado por aquilo que, dos outros, já se acha nele.” Partindo desse princípio, podemos afirmar que o lugar é construído e alterado pela convivência das pessoas, suas histórias, a sociedade local, bem como, a ação do indivíduo.

No processo migratório as pessoas rompem com a paisagem e locais de origem e ao chegarem ao novo lugar, elas se sentem forçadas a reassumir novas relações e construir, de certa forma, novas identidades. Ao mudarmos de lugar, sentimos as diferenças das condições materiais nos novos lugares, mas também as mudanças relacionadas aos laços afetivos.

Tais migrantes carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias de vida pelas quais foram marcados, eles são o produto de várias histórias e culturas interconectadas. Os que passam por essa situação são obrigados, muitas vezes, a renunciarem a sonhos, a aprender a habitar outros lugares, a falar duas línguas culturais, como também traduzir e negociar.

Portanto, no que diz respeito ao espaço educacional, é fundamental que o professor considere essa realidade, devendo, portanto, aproximar o saber educacional do universo cultural do aluno, bem como, trabalhar com o cotidiano do mesmo, considerando toda a carga de afetividade, subjetividade que nasce com a vivência dos lugares, como também possibilitar a compreensão a tais alunos de que são integrantes do ambiente em que atuam.

A subjetividade do indivíduo está em sua capacidade de pensar e refletir. Com isso, ele vai construindo a sua identidade com o lugar, de modo que possa resultar em compreensões novas e mais complexas a respeito de si mesmo. Logo, a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação. O outro cultural é sempre um problema, pois coloca em questão a nossa própria identidade. Portanto, a identidade, a diferença e o outro, constituem um problema social que não se desvincula do problema pedagógico.

Tal situação evidencia um problema pedagógico porque os alunos em uma sociedade atravessada pela diferença, forçosamente interagem com o outro no próprio espaço educacional, mas também porque a questão do outro e da diferença não pode deixar de ser matéria de preocupação pedagógica.

O professor em sua dinâmica deve estar atento ao aluno migrante, que chega com todas essas diferenças, buscando se inserir num novo e diferente ambiente. Sendo assim,

compreender a ação educacional como um novo espaço em que o aluno habita querendo criar laços e se sentir parte, é fundamental para tal professor, da mesma forma, ter em vista que o mesmo é também mediador nesse conjunto de mudanças por que o aluno passa.

Dessa forma, cabe ao professor focar a compreensão de seu próprio espaço de atuação como importante condição para a identificação das dificuldades, bem como, do potencial inerente a sua prática. Logo, abordar o espaço educacional com suas respectivas dimensões, caracteriza um ponto essencial para o entendimento da interação construtiva que se dá na relação, professor-aluno.

Devemos estar conscientes de que para analisarmos o espaço próximo, que está sendo vivenciado, precisamos levar em consideração a sua relação com outras instâncias especialmente distantes. Nesse processo a realidade é o ponto de partida e de chegada.

Essas relações são compreendidas a partir da visualização de uma ordem global que busca impor a todos os lugares uma única racionalidade, frente a uma ordem local, onde os lugares respondem ao mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade. No caso, cada lugar, é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente (SANTOS, 1996, p.272).

Ainda quanto ao espaço, há que se considerar um aspecto que se dá entre a ação e o objeto; trata-se da intencionalidade, já que tal noção é eficaz na contemplação do processo de produção das coisas, considerado como o resultado entre o sujeito e seu entorno.

Aqui, enfocamos o fato de que o espaço educacional se diferencia dos demais espaços, já que a aprendizagem se dá em qualquer lugar vivenciado. Em outros termos, o que diferencia a situação de aprendizagem escolar das demais se explica da seguinte maneira: inicialmente, porque na escola a construção dos saberes é equilibrada, ou seja, tanto o professor quanto o projeto pedagógico têm uma intenção, pois existem objetivos a serem alcançados, portanto uma seleção do que vai ser ensinado e aprendido; depois, porque a escola não pode se limitar a conectar o conhecimento com a experiência imediata e espontânea, devendo ir, além disso, pois ao mesmo tempo ou no devido tempo, cabe à educação libertar o aluno do cotidiano, fazendo-o superar a experiência imediata para poder alcançar conhecimentos mais amplos e perenes; e ainda, porque na escola incidem de forma direta e indireta os valores éticos, políticos e estéticos da comunidade, visando à mudança e a melhoria da sociedade em geral.

Logo, a intencionalidade do sujeito voltada ao espaço operacional ou percebido nos remete a um melhor esclarecimento do que consideramos como técnica, já que o encontro das intenções ou objetivos explícitos em um espaço educacional com as intenções dos alunos, é que faz o sucesso de uma prática educativa, sendo a técnica o conjunto de meios que propicia o espaço em evidência.

Aqui, consideramos a palavra técnica com um sentido amplo, não se restringindo apenas a equipamentos e instrumentos, mas incluindo toda a relação com o meio e seus efeitos. O termo tecnologia, após a Revolução Industrial, passou a melhor incorporar esse sentido amplo do verbo grego “tictēin”, o qual a partir de então, tem seu sentido associado a instrumentalidade.

Dessa forma, Ribnik (2003, p.1-3) engloba a abrangência da qual estamos nos referindo para a Tecnologia Educacional nas seguintes “categorias conceituais”: A primeira enfatiza o uso de equipamentos e materiais; a segunda, dá ênfase na aplicação da teoria de sistema, considerando o conjunto de eventos inter-relacionados que visam a um mesmo objetivo; a terceira categoria conceitual enfatiza a aplicação de conhecimento científico, ressaltando a necessidade dessa tecnologia educacional estar baseada na ciência. Portanto, constata-se que em termos conceituais não há consenso quanto às várias definições de Tecnologia Educacional, conseqüentemente, há um leque de atividades possíveis voltadas ao espaço educacional, cujas práticas variam de acordo com o local e o tipo de ação.

No momento, em função dessa complexidade tecnológica, evidenciamos ao ato educacional o sentido de uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e na própria autonomia do educando, estamos nos referindo à segurança, a competência profissional, bem como, a generosidade inerente ao professor de acordo com Freire (1999, p.102), já que “educar é uma especificidade humana.”

Nesse espaço educacional, objetiva-se provocar rupturas e continuidades no processo de apropriação do saber espontâneo ao científico, almeja-se compreender o meio em que vivem as diferentes manifestações da natureza, busca-se ir além daquilo que já sabemos, ampliando os conhecimentos a cerca da presença e do papel da natureza na paisagem local. Também é importante conhecer a relação entre as pessoas com o lugar, as condições de vida, as relações afetivas, as histórias do lugar em que se vive, de outros lugares e a relação entre eles.

Dentro dessa perspectiva, não podemos esquecer que as tarefas formais do ato de ensino-aprendizagem precisam ser adaptadas à realidade do espaço educacional,

também devem ser articuladas às opções dos professores e às necessidades dos alunos, bem como, à divisão de tempo e dos materiais disponíveis, enfim a todo um modo de vida no espaço em apreço.

A ação do ensino nas aulas não é um puro fluido, embora existam traços e acontecimentos imprevistos, mas algo regulado por padrões metodológicos implícitos na tarefa que se parecem. De fato essa dinâmica é muito fluida, imprevisível, mas os esquemas de atividades que a ordenam não. Seu dinamismo está, pois, condicionado pela ordem interna da atividade. Se conhecermos de antemão um determinado tipo de tarefa que um professor vai realizar, pode-se prever de algum modo como transcorrerá sua prática, porque o curso de ação que cada tarefa tem segue um plano implícito que regula o seu desenvolvimento e se acomoda no transcurso do mesmo.

Por isso, os estilos pedagógicos dos professores, apesar dos seus comportamentos idiossincráticos, são tão parecidos, porque as estruturas de tarefas nas quais se concretizam são semelhantes. Se é certo que não há dois professores iguais, nem duas situações pedagógicas ou duas aulas idênticas, também é verdade que não há nada mais parecido entre si (SACRISTÁN, 2000, p.209).

Portanto, a prática docente pressupõe uma previsão, uma organização e uma avaliação de situações que propiciem condições para que os alunos construam conhecimentos. Essa organização tem um planejamento de ensino, que possibilita pensar de antemão no que se quer e no que se pode fazer em função do aluno, como também, da sociedade que se quer construir.

Constata-se que o espaço educacional é um misto, um híbrido, um composto de formas, tendo a Tecnologia Educacional integrada em seu meio como uma realidade, contribuindo como elemento da constituição e transformação desse espaço. Certamente, preocupar-se com os problemas tecnológicos, isto é, com os processos técnicos, é de fundamental importância para identificar e compreender, bem como, apropriar-se dos inúmeros espaços propiciados pela profusão tecnológica atual.

Educação a Distância é uma modalidade de Educação em que são utilizados meios de comunicação, de veiculação e de informação, de meios sistêmicos, com o propósito de educar pessoas que, por razões diversas não têm ou não tiveram acesso às formas presenciais de Educação. Há uma forma de educar tradicional, que permanece e, que é considerada a modalidade capaz de atender aos diversos aspectos que o termo educação pressupõe, que deve também, utilizar os modernos meios de comunicação e informação e que se chama Educação Presencial (ANDRADE, 2000, p.82).

Há, portanto, diversas formas espaciais derivadas de um espectro que varia do presencial ao virtual. Aqui o virtual não deve ser entendido como aquilo que necessariamente se opõe ao real. Para evitar essa oposição “fácil e enganosa”, Lévy (1996 p.15), afirma que “o virtual é o que existe em potência e não em ato, o virtual tende

a atualizar-se, sem ter passado, no entanto à concretização efetiva ou formal.” Em outras palavras, o virtual seria uma realidade existente em estado conceitual.

Finalmente, considerando a disponibilidade dos vários meios ofertados pela revolução tecnológica, mas tendo plena consciência de que os mesmos permitem, mas não garantem qualidade ao ato educacional; considerando ainda, a complexidade pedagógica do espaço de atuação do professor, bem como, a intencionalidade por parte deste em eleger meios tecnológicos, valores e pressupostos teóricos voltados à construção de um espaço de ensino-aprendizagem, ou seja, a construção de novos lugares, por conseguinte, de novas identidades, apontamos a reflexão da prática educacional baseada na realidade como ponto central, observando aspectos como migração a novos espaços, bem como, apropriação dos mesmos, cujas potencialidades podem e devem ser utilizadas pelo professor.

Em resumo, é fundamental em qualquer espaço propiciado pela tecnologia, resgatar o espaço educacional, já que a compreensão do mundo físico e social por parte do educando, passa pela construção de conhecimentos significativos que têm como referência sua própria experiência. No entanto, quanto à operacionalização desse novo espaço educacional, evidencia-se o fato de que a pedagogia voltada à interatividade se dá em qualquer meio, mudam-se apenas os instrumentos. Portanto, as técnicas, abordagens e estratégias, constituem os novos desafios do professor que tenta ocupar e se apropriar de tal espaço.

Referências

ANDRADE, Arnon Alberto Mascarenhas de. **Dicionário crítico de educação**. Revista Presença Pedagógica, Belo Horizonte, p. 82-85, jul./ago. 2000.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução por Efraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 13 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceito e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

GÓMEZ, Angel Pérez. **O pensamento prático do professor** In: António Nóvoa. (Org.) Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

KRUPPA, Sônia M Portela. **Sociologia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

LÉVY, Pierre. “**O que é virtual ?**”. São Paulo: Ed. 34, 1996. (Coleção TRANS).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PINSKY, Jaime. Cidadania e Educação. In_____. **Cidadania**: conceito e prática. São Paulo:Contexto,1999.p.17-19.

RIBNIK, Lúcia Maria. **Tecnologia Educacional**: classificação das diferentes definições com base em revisão bibliográfica. 2003. Acesso em 7 de julho de 2010. Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br/sde/docente/textos/ribnik.htm>.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo – razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

Recebido em Abril de 2013.

Publicado em Abril de 2013.